

## LITERATURA

MOACYR SCLiar \*

Saul Bellow era um escritor visceralmente norte-americano. O que não deixa de ser paradoxal. Em primeiro lugar, não era nascido nos Estados Unidos e sim em Lachine, no Canadá, em 1915; só mais tarde radicou-se em Chicago, “aquela sombria cidade”, segundo sua própria expressão. Em segundo lugar, não era de uma família tradicional americana, como os escritores bostonianos; seus pais eram imigrantes judeus russos que deram duro para sobreviver. Uma ascendência da qual ele se orgulhava, como constatei pessoalmente quando o visitei, há cerca de 10 anos, na Universidade de Chicago, onde lecionava.

A visita fazia parte de um programa de intercâmbio cultural e, para dizer a verdade, eu me sentia meio intimidado; afinal de contas tratava-se de um grande escritor, o Prêmio Nobel de Literatura de 1976 e eu não tinha idéia sobre o que poderíamos conversar. Chegamos e ali estava ele, um homem já de idade, elegantemente vestido, afável. Convidou-nos a sentar, a mim e a minha mulher, e de início falamos apenas sobre amenidades. Mas então quis saber sobre minha origem. Quando lhe contei que era, como ele, filho de imigrantes judeus, vindos da mesma região da Rússia, mudou por completo (mais tarde exatamente a mesma coisa aconteceria, numa conversa no Palácio Piratini, com Noah Chomsky, aqui vindo para o Fórum Social Mundial). Interessou-se, fez mil perguntas, e o papo acabou prolongando-se por várias horas.

O que não era de surpreender, quando se considera a importância do componente judaico na obra de Bellow. A este componente ele se manteve fiel mesmo quando, no início de sua carreira, tinha a clara consciência de estar remando contra a corrente. Na Northwestern University, de Chicago, onde estudou, o chefe do departamento de letras aconselhou-o a desistir de seus planos literários: “Um judeu jamais conseguirá entrar na tradição da literatura em inglês”. Um outro professor, este judeu, sugeriu que estudasse piano ao invés de tornar-se escritor. Mas Bellow insistiu: o teclado que queria era o da máquina de escrever, não o do piano. Que estava certo, prova-o a sua obra, que se iniciou com uma pequena e extraordinária novela, *The*

# Um intérprete da realidade americana

*O escritor Saul Bellow – morto na última terça, aos 89 anos – fez sofisticada literatura a partir de sua condição de filho de imigrantes nos Estados Unidos*

*dangling man* (1944), sobre um jovem que espera a sua convocação para o Exército, e prosseguiu com, entre outros, *The adventures of Augie March* (1953), *Seize the day* (1956), *Henderson, the rain king* (1959), *Herzog* (1964), *Mosby's memoirs and other stories* (contos, 1968), *Mr. Sammler's planet* (1970), *Humboldt's gift* (1975), *To Jerusalem and back: a personal account* (não-ficção, 1976), *Him with his foot in his mouth* (contos, 1984), *The Bellarosa Connection* (1989), *Ravelstein* (2000). Enquanto isso ia acumulando prêmios: o Pulitzer, o National Book Award (duas vezes) e finalmente o Nobel.

Diferente de outros escritores de sua geração, Bellow não era politicamente engajado. No começo de sua carreira, havia sido trotskista e pertencera ao grupo intelectual que editava a *Partisan Review*, revista de esquerda, mas acabou abandonando esta militância. Manteve-se, contudo, fiel à sua herança russo-judaica. Não se intitulava um escritor judeu, e sim um escritor americano de origem judaica. Neste sentido, tinha muito em comum com Norman Mailer, Bernard Malamud, Philip Roth, escritores que, como disse o crítico Irving Howe, criaram um novo tipo de regionalismo, não geográfico, como aquele do sulista William Faulkner, mas étnico. É um regionalismo que nasce da peculiar situação do filho de imigrantes.

Diferente dos pais, que, empenhados na luta dura pela sobrevivência, muitas vezes não têm acesso à cultura do país, são pessoas que puderam estudar, que frequentaram a universidade, que dominam o idioma como poucos (e que vêem nisto uma forma de afirmação). Mas, ainda que não ostensivamente, são mantidos numa certa marginalidade. Desta resulta um olhar diferente e até certo ponto privilegiado, um olhar que permite enxergar a realidade do país de maneira diferente. Os usos que serão feitos deste olhar variam. Alguns descobrem, através dele, novas oportunidades de ascensão econômica e social: o caso dos pioneiros do cinema americano. Outros, como Chomsky, tornam-se revolucionários, e outros ainda enveredam pelo caminho da literatura e da arte.

Através do prisma do judaísmo, Bellow tornou-se um notável intérprete da sociedade americana. De fato, muitas vezes inspirou-se em personagens reais, como o poeta e escritor Delmore Schwartz (em *Humboldt's gift*) e seu amigo, o intelectual Allan Bloom, cujo homossexualismo apareceu em *Ravelstein*. A propósito das interrogações que lhe faziam então, queixou-se Bellow: “Este é um problema que os escritores de ficção sempre enfrentam nos Estados Unidos. O público entende as coisas ao pé da letra. É verdade? Se é verdade, é factualmente correta? Se não é factualmente correta, por que não é factualmente correta?”. Ficção, concluiu, não é biografia, ficção é invenção. O certo é que, com sua ficção, Bellow retratou admiravelmente bem os Estados Unidos. O que é mais do que suficiente para garantir sua sobrevivência literária.

\* *Escritor, autor de, entre outros livros, A mulher que escreveu a Bíblia*

Saul Bellow, ao lado da também escritora Susan Cheever, em Boston

## O frasista Bellow

“Tudo que um escritor precisa para conquistar uma mulher é dizer que é um escritor. Isso é afrodisíaco.”

“Só há um único jeito de derrotar um inimigo: escrever o melhor que você puder. O melhor argumento é um livro inegavelmente bom.”

“A Califórnia é como um galho artificial que o resto do país realmente pode dispensar. E pode me creditar nessa aí!”

“Na hora de expressar sentimentos, nós (os norte-americanos) estamos entre os países não-desenvolvidos.”

“Uma quantidade enorme de inteligência pode ser investida na ignorância quando é profunda a necessidade de ilusão.”

“Qualquer artista deveria ser grato pela graciosidade simples que o põe além da necessidade de uma razão elaborada.”

### CORREÇÃO

Regina Zilberman é professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e não da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como constava na contracapa do Cultura na semana passada.

STEVEN SENNE, AP/ZH

